



Anotações de história da psicologia em sumários e prefácios dos manuais introdutórios

Notes on the history of psychology in summaries and prefaces of introductory manuals

William B. Gomes

Luciano da Silva Alencastro

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Resumo

Ensaio historiográfico sobre sumários e prefácios de manuais introdutórios à psicologia publicados entre 1890 e 1999, destacando: 1) primeiros grandes manuais (1890-1949); 2) textos influentes na afirmação da psicologia como ciência e profissão no Brasil, (1950-1974); 3) tradição dos textos norte-americanos ao longo do século XX; e 4) características inovadoras apresentadas no último quartil do século XX. Concluiu-se que: 1) os sumários mantêm-se coerentes com os mesmos tópicos temáticos 2) os prefácios escritos entre 1890 e 1974 mostraram-se preocupados com os desafios da integração do grande campo psicológico, insistindo que teorias e sistemas eram perspectivas e contribuições, devendo ser evitados como modos reducionistas e radicais de introdução a um ponto de vista apenas; 3) os prefácios escritos entre 1975 e 1999, apresentam a psicologia como campo de múltiplas perspectivas, estando nesta condição sua peculiaridade e contribuição, e esperam dos profissionais a capacidade de lidar com a diferença e a diversidade.

Palavras-chaves: história da psicologia; livros de introdução à psicologia; psicologia geral

Abstract

Historiographical essay on summaries and prefaces from psychology introductory manuals chosen as examples of different periods between the years 1890 and 1999, highlighting: 1) pioneering texts (1890-1949), 2) influential texts during the assertion of psychology as a science and profession in Brazil, (1950-1974); 3) tradition of American texts throughout the twentieth century; and 4) innovations of introductory texts of the last quarter-century XX. We conclude that 1) the summaries remain consistent with the same topics, 2) prefaces written between 1890 and 1974 were concerned with the challenges of integrating major psychological field, insisting that theories and systems should be understood as contributions and avoided as reductionism, and 3) the prefaces written between 1975 and 1999 show psychology as a field of multiple perspectives, being in this condition its uniqueness and contribution, and expect the ability to deal with difference and diversity from professionals.

Keywords: history of psychology; books of introduction to psychology; general psychology

Introdução

O presente artigo é uma breve apreciação histórica de sumários e de prefácios de livros intitulados Psicologia, Psicologia Geral, e Introdução à Psicologia que no decorrer do artigo serão chamados de textos ou manuais introdutórios. O texto tem três objetivos: 1) anotar mudanças na concepção e na perspectiva da apresentação da disciplina; 2) comparar modificações na organização e estruturas temáticas; e 3) examinar como a literatura vem



avaliando os materiais e práticas utilizados na introdução da disciplina. Tais objetivos sugerem perguntas, tais como: 1) é possível um livro introdutório fazer justiça à diversidade do grande campo da psicologia? 2) há, ainda, espaço para livros de psicologia geral? 3) Como apresentar a disciplina de maneira politicamente correta, considerando as diferentes abordagens? 4) qual a formação desejada para um professor de introdução à psicologia? Ao final, discute-se a importância deste material para a formação científico profissional do psicólogo.

Textos introdutórios à psicologia oferecem material rico e ilustrativo do percurso histórico da disciplina, mas têm sido pouco explorados para este fim. Um exemplo é Webb (1991) que estudou as mudanças na psicologia entre 1935 e 1948 pelas três edições do manual de Boring, Langfeld e Weld (1935, 1939, 1948). Nas conclusões, o autor anotou que neste período de 13 anos a atenção para aprendizagem deslocava-se do comportamento para a cognição, maior interesse pelos aspectos interativos e comportamento social, maior abrangência de campo para o estudo do desenvolvimento humano passando a incluir as várias fases da vida, e as medidas para diferenças individuais se tornaram mais complexas. Zehr (2000) utilizou livros introdutórios publicados entre 1880 e 1970, confrontados com publicações da década de 1990, para o ensino de história da psicologia. A prática foi avaliada como positiva por seus 31 alunos, por desenvolver habilidades de análise, de síntese e de avaliação de informação pertinente ao desenvolvimento da psicologia como disciplina científica.

Com o passar do tempo, os textos introdutórios se tornaram, ao menos nos EUA, um objeto de estudo em seu próprio mérito. São materiais largamente utilizados em universidades por estudantes dos mais diferentes cursos, obviamente envolvendo implicações pedagógicas e interesses mercadológicos. Estudos sobre livros introdutórios aparecem com assiduidade no *Teaching of Psychology*, uma revista dedicada ao ensino da disciplina e que, lamentavelmente, ainda não faz parte do Portal de Periódicos CAPES. Os estudos publicados sobre o tema trazem: 1) sugestões de como escolher um livro introdutório (Landrum & Hormel, 2002); 2) discussões sobre o tamanho dos livros, se longos ou concisos (Griggs, Jackson & Marek, 2002), 3) avaliações de formato, se tradicional ou modular, se impresso ou eletrônico (Nevid & Carmony, 2002; Shepperd, Grace & Kock, 2008); 4) análises de recursos ilustrativos e didáticos (Dickson, Miller & Devoley, 2005; Nevid & Forlenza, 2005); e 5) comparações do vocabulário utilizado nos glossários (Griggs, Bujak-Johnson & Proctor, 2004). Como se pode constatar, os livros são cuidadosamente verificados e avaliados, principalmente quanto ao formato, recursos pedagógicos, tópicos cobertos, e número de páginas, tendo em vista a orientação de como escolher um desses livros para adotar na disciplina de introdução à psicologia.

O acompanhamento sistemático dos textos introdutórios alcança sofisticação teórica quando utilizado para conferir revisões na história da psicologia. Zehr (2000) comparou o



conteúdo de 20 textos introdutórios dos anos 1990 e 15 textos dos anos 1970 para saber se as revisões quanto às contribuições de Wundt e de Titchener haviam alcançados os livros introdutórios. Os resultados foram desapontadores, tanto as publicações dos anos 1970s quanto as dos anos 1990s não traziam informações historiográficas atualizadas sobre os dois pioneiros. Do mesmo modo, um grupo de pesquisadores (Nissim-Sabat, Farr, Horton, Owens & Shelton, 1989) preocupou-se em verificar a repercussão de cientistas recentemente laureados pela *American Psychological Association* nos livros introdutórios. Os autores concluíram que o reconhecimento e inclusão eram lentos e por mais das vezes ausentes. A preocupação do último estudo nos remete, não se pode negar, a ingenuidade de muitos desses pesquisadores, pois atribuição de prêmios pode apontar tanto para reconhecimento científico quanto para boa articulação política entre pares. Certamente, caberá ao texto introdutório atentar para consolidações e não para novidades nem sempre duradouras. Contudo, esses estudos sinalizam para o interesse que essa literatura desperta.

O mais abrangente estudo sobre textos introdutórios e sua importância para a história e o ensino da disciplina foi, provavelmente, o *Portraits of a discipline an examination of introductory textbooks in America* (Wayne & Weiten, 1992). Os autores trazem uma análise minuciosa e esclarecedora sobre desenvolvimento e transformações dos textos introdutórios durante o primeiro século da psicologia científica. O ponto de partida são os manuais que precederam aos livros de psicologia geral e de introdução à psicologia, em especial aqueles concernentes à filosofia moral. Nesta revisão informa-se que o primeiro título de livro a incluir o termo psicologia nos EUA foi o *Psychology, or a view of the human soul including antropology* publicado em 1840 por Frederick Augustus Rauch. Tal notícia nos tira a primazia do *Investigações psicológicas* de Ferreira França (1854/1973) como o primeiro livro, no novo mundo, a usar no título o termo psicologia. Outra informação preciosa é o uso de referências no final do capítulo ou do livro. De acordo com os autores o estilo foi introduzido por Francis Wayland em 1854 com a obra *Elements of intellectual philosophy*. Com este instigante preâmbulo, os autores introduzem a análise dos manuais publicados nos EUA, entre 1880 a 1990.

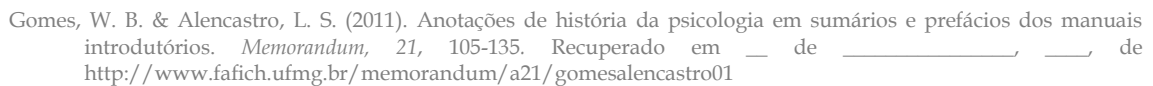
O conjunto de manuais escolhidos para apreciação no presente ensaio é limitado e os exemplos a serem apresentados foram seletivos, com interesse no contraste, na procedência e nas possíveis influências no desenvolvimento da psicologia no Brasil. O levantamento serviu-se do acervo das bibliotecas do Rio Grande do Sul, em especial da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Pontifícia Universidade Católica (PUCRS), da Biblioteca do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e de materiais disponíveis em Internet. Embora alguns aspectos desta classe de livros escritos por autores brasileiros sejam mencionados, uma análise destes materiais ainda está para ser realizada, fugindo do escopo do presente artigo.



Os livros para esta análise foram classificados em cinco tópicos: 1) os primeiros textos introdutórios à psicologia científica; 2) textos introdutórios por pioneiros da Psicologia no Brasil; 3) textos introdutórios à psicologia em língua portuguesa utilizados no Brasil entre 1950 e 1975; 4) a tradição dos textos introdutórios à psicologia nas universidades norte-americanas, e 5) modernização, profusão, similaridades e perspectivas entre textos introdutórios. Dar-se-á atenção a citações literais dos prefácios e as diferentes formas de organização e classificação das muitas áreas do campo psicológico como apresentado pelos sumários.

Os primeiros textos introdutórios à psicologia científica

Os textos que servirão de referências a este estudo tomam como ponto inicial as duas obras seminais que marcaram, a seu modo, a inauguração da psicologia como campo científico: *Grundzüge der Physiologische Psychologie* de Wilhem Max Wundt (1832-1920), e *Psychologie vom Empirischen Standpunkte* de Franz Brentano (1838-1917), ambos publicados em 1874. Contudo, para o presente estudo esses textos são apenas marcos iniciais e, por conseguinte, não farão parte da análise. O interesse dirige-se para livros com objetivos pedagógicos de introduzir à nova ciência aos estudantes. De imediato foi fácil compor uma lista com exemplos desta modalidade de textos e os escolhidos foram por primazia do ano de publicação: *The principles of psychology* de William James (1890/1952), *Grundriss der Psychologie* de Hermann Lotze (1881/1973), *Grundriss der Psychologie* de Oswald Külpe (1893/1973), *Grundriss der Psychologie* de Wundt (1897) e *Abriss der Psychologie* de Hermann Ebbinghaus (1908/1973). Ressalte-se a prevalência de títulos em alemão, reafirmando as origens da psicologia científica. As três primeiras publicações foram traduzidas para o inglês com o título de *Outlines of psychology*, já a quarta foi traduzida como *Psychology: an elementary text-book*. Há nestes trabalhos duas tendências marcantes que sempre estiveram juntas com a história do pensamento psicológico: a tendência de reduzir a psicologia a um determinado ponto de vista, e a tendência de procurar oferecer uma sinopse da área. Essa primeira parte da análise conclui com dois textos contrastantes, seja pelo volume e amplitude, seja pelo reconhecimento da necessidade de tratar a disciplina reconhecendo a diversidade teórica, ou por trazer a proposta do autor. O primeiro texto é o volumoso *Traité de psychologie* organizado por Georges Dumas (1866-1946) e o segundo o *An outline of psychology* de William McDougall (1871-1938), ambos os textos publicados em 1923. Contudo, a ordem de análise será outra. Por uma questão de elegância com a tradição histórica, a análise começa com os autores alemães, segue com os americanos, para concluir com repercussões do avanço da psicologia auferidas em 1923, na Europa e nos EUA.



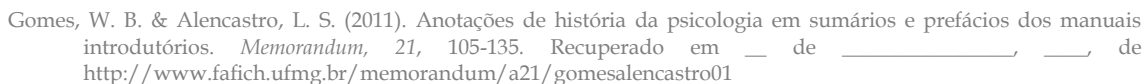


capítulos do *An introduction to psychology* de 1911, sendo traduzido para o inglês em 1912 e publicado em Londres.

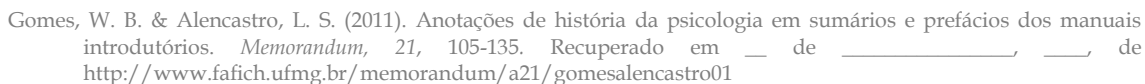
Lotze (1817-1881) preparou seu texto com base em anotações ditadas em aulas e representa uma posição independente àquela de Wundt (1874/1908-1911, 1897, 1912/1973), mas voltado ao mesmo núcleo temático. Para ele (Lotze, 1881/1973) a psicologia era o estudo dos fatos da 'alma', a saber, sensações, idéias, sentimentos e atos da vontade. O autor classificou o campo da psicologia em três partes: psicologia empírica ou descritiva – baseada na observação; psicologia explanatória ou metafísica – voltada para o estudo da natureza da alma; e psicologia ideal ou especulativa – preocupada em explicar a existência dos fatos da alma e sua missão. Lotze advertiu que o último tema não poderia ser estudado através de critérios científicos, mas os dois primeiros temas poderiam ser facilmente combinados. Quando se considera a divisão de forças entre as influências da fisiologia e da filosofia no projeto da psicologia científica do século XIX, é bom lembrar que Wundt representou a perspectiva fisiológica ou experimental, enquanto Lotze representou a perspectiva filosófica que defendia uma psicologia empírica ou descritiva. Este será o caminho a ser seguido por Brentano (Hearnshaw, 1987)

Külpe (1862-1915) segue uma linha próxima aos manuais de Wundt (1874/1908-1911, 1897, 1912/1973). O livro (Külpe, 1893/1973) é dividido em três partes. A primeira é dedicada aos elementos da consciência, concentrando-se na análise das sensações e dos sentimentos; a segunda volta-se para as conexões dos elementos conscientes, por exemplo, a fusão das sensações auditivas, das emoções e impulsos, das relações dos atributos temporais, espaciais com elementos da consciência; e a terceira concentra-se nos estados da consciência, que é o estudo da atenção, da vontade, e da autoconsciência. Külpe, o primeiro orientando de Wundt, se tornou conhecido pelo laboratório que fundou na Universidade de Würzburg, onde estudou o pensamento sem imagem (Hearnshaw 1987), fazendo escola como nos contou os italianos Gemelli e Zunini (1957/1961). Note-se que Külpe (1893/1973) apresentou seu texto como um pequeno manual de psicologia geral.

Concluindo essa galeria de obras didáticas pioneiras da psicologia científica na Alemanha, passa-se a Ebbinghaus (1850-1909) conhecido por suas contribuições ao estudo da memória. O *Abriss der Psychologie* (1908/1973), foi traduzido e adaptado para o inglês no mesmo ano da publicação em alemão, como *Psychology: an elementary text-book* por ter sido considerado um texto sintético e abrangente, com características de livro didático. Para Wertheimer (1972) o texto de Ebbinghaus comparava-se em excelência e clareza aos *Principles* de James (1890/1952). O livro está organizado em quatro capítulos, cujos títulos revelam extremo cuidado conceitual e estético. O primeiro, "Psicologia Geral", apresenta o estado da arte nas relações entre cérebro e mente. O segundo, "Fatos da Consciência", está subdividido em três partes "elementos da vida mental" (sensação, imaginação, sentimento e vontade); "leis fundamentais da vida mental" (atenção, memória, prática e fadiga); e "expressões da



A primeira frase do livro de Ebbinghaus (1908/1973, p. 3) veio a se tornar célebre: “a psicologia tem um longo passado e uma curta história” (ver Marx & Hillix, 1979, p. 3). A frase, na verdade, dá início a uma breve resenha histórica, que parte do *De Anima* de Aristóteles, considerado o primeiro grande tratado em Psicologia; para diferenciar as psicologias associacionistas cujo último notável representante foi Alexander Bain (1818-1903), e das psicologias intelectualistas cujo último notável representante foi Johann Friedrich Herbart (1776-1841). Para Ebbinghaus (1908/1973), tais psicologias eram muito hábeis em classificar e muito pobres em explicar. As explicações baseadas em leis de associação e em princípios da lógica racional reduziram as atividades da mente ao pensamento e ao conhecimento. Tais fraquezas, dizia ele, abriram espaços para a doutrina do voluntarismo, na qual o desejo foi proclamado como o mais fundamental dos processos psicológicos. O insucesso dos psicólogos, prossegue Ebbinghaus (1908/1973), devia-se a três pontos: 1) complexidade dos fenômenos e as consequentes dificuldades em estabelecer causalidade e em especificar significações; 2) familiaridade com os fenômenos e as consequentes conclusões equivocadas; e 3) dificuldade para manter a mente aberta e para ser capaz de aceitar respostas diferentes daquelas que eram desejadas ou esperadas. A breve introdução, que é tanto uma resenha histórica quanto uma análise das realizações e das possibilidades da nova ciência, surpreende pela amplitude dos aspectos considerados. Ebbinghaus estava ciente: 1) dos impactos advindos da teoria da evolução, 2) dos avanços obtidos através dos estudos sobre a fisiologia dos sentidos, 3) das descobertas sobre o tempo de duração dos processos mentais, 4) dos estudos de psicopatologia realizados por psiquiatras e da sua importância para a compreensão dos processos psicológicos básicos; e 5) das investigações sobre as relações entre lesões cerebrais e dissociações de processos mentais. O autor tratou, ainda, dos debates entre concepções ontológicas e problemas psicológicos sobre aspectos concernentes a visão de mundo e a natureza da mente. Reconheceu a pertinência, mas lamentou o uso de tais argumentos utilizados como retórica para a defesa de posições ontológicas preferidas e oriundas de doutrinas estranhas à própria psicologia. Na avaliação de Ebbinghaus os avanços obtidos pela ciência psicológica eram decorrentes do desenvolvimento dos métodos das ciências naturais e estavam trazendo contribuições para diversos campos do conhecimento: educação, psiquiatria, criminologia, linguagem, religião e arte.





modo como James (1890/1952) entendia as manifestações psicológicas, aqui agrupados por assuntos: funções e atividades cerebrais e as dificuldades da conexão mente e cérebro; hábito e atenção automática, possibilidades ou impossibilidades do inconsciente; métodos da psicologia e ciência natural; relações entre a mente e outras coisas; o fluxo da consciência e o self; atenção e concepção; associações; memória, sensação; imaginação; percepção do tempo dos objetos, do espaço e da realidade; as emoções; a vontade; hipnotismo; e experiência. Como se tem observado pelos textos introdutórios clássicos, a atualidade dos tópicos é realmente impressionante.

3. Dois memoráveis tratados publicados em 1923 e suas implicações

Livros escritos nas primeiras décadas do século XX consolidam a agenda para os manuais de introdução. Há, entre os autores, um consenso sobre a dificuldade de oferecer uma síntese do pensamento psicológico, dado o grande número de publicações disponíveis. Este é o caso, do texto de Dumas (1923), professor de psicologia experimental da Sorbonne, em França; e do texto de McDougall (1923), professor da Universidade de Harvard, nos EUA.

Dumas (1923) reuniu um conjunto de especialistas para a preparação de um Tratado de Psicologia em quatro volumes, sob a justificativa de que era impossível para um único autor tratar satisfatoriamente de todos os temas básicos e fundamentais. Certamente o manual não foi planejado para uso em uma dada disciplina, mas antecipava o formato enciclopédico escrito por vários especialistas que virá mais tarde caracterizar os textos introdutórios. Dumas (1923) reuniu os grandes nomes da psicologia experimental francesa da época e entre eles muitos são bastante conhecidos entre nós, como Henri Wallon (1869-1962), André Lalande (1867-1964), Henri Piéron (1881-1964), Henri Delacroix (1873-1937), Édouard Claparède (1873-1940), Pierre Janet (1859-1947) e Pierre Ribot (1839-1916). O livro é dedicado à memória de Ribot, que embora tenha sido autor do Prefácio, veio a falecer antes da publicação do manual. Logo na abertura do Prefácio, Ribot se declarou alarmado com o espetacular crescimento da literatura em psicologia, reconhecendo a impossibilidade de um único autor tratar apropriadamente do vasto número de tópicos. A proposta do livro, de acordo com Ribot (1923) era:

O estudo exclusivo dos fenômenos do espírito, seguindo o método das ciências naturais independentemente de qualquer hipótese metafísica. ... O livro está comprometido com um objeto preciso: os fatos psíquicos, sua descrição, sua classificação, a pesquisa de suas leis, e de suas condições de existência. O livro interdita rigorosamente toda a especulação sobre a natureza última desses fenômenos (p. ix).

Neste mesmo Prefácio, Ribot (1923) escreveu uma frase que se tornou célebre: “A psicologia começa na biologia e na zoologia, mas em seu florescimento termina na sociologia” (p. xii). Ribot mencionou que quando ele escreveu os livros *La psychologie anglaise*



contemporaine (1870) e *La psychologie allemande contemporaine* (1879) dedicou-se a descrição do pensamento de autores como Spencer no Reino Unido, e Wundt na Alemanha. Em contraste, afirmou, a característica deste novo tratado era apresentar a psicologia como um todo de forma impessoal e sintética. Por fim, ele justifica que o livro não tratará da patologia mental, por entender que tal exposição não se faz necessária em um tratado de psicologia. Aqui cabe lembrar que o viés da psicologia francesa era médica, e que caberia à psicologia o estudo dos elementos constituintes dos processos básicos.

O tratado organizado por Dumas (1923) inicia com as bases biológicas da psicologia (Livro I), e segue com os elementos da vida mental – excitação e movimento, sensações, estados afetivos, imagens, excitações psíquicas e secreções (Livro II); com as associações sensitivo-motoras – orientação e equilíbrio, expressão das emoções, e linguagem (Livro III); para concluir com as formas gerais de organização – hábito e memória, associação de idéias, atenção e tensão psicológica e suas oscilações. Analisa as formas gerais de organização psíquica (processos básicos) e conclui com o estudo das grandes sínteses mentais, a saber, a via consciente e inconsciente, a personalidade, e o caráter. O tratado de Dumas (1923) foi muito utilizado por professores e estudantes brasileiros na primeira metade do século XX, quando o francês era língua corrente nas poucas instituições existentes para ensino superior.

O britânico William McDougall (1871-1938) foi um dos psicólogos estrangeiros convidados para lecionar em universidades norte-americanas. Foi para a Universidade de Harvard e avaliava o convite como uma oportunidade para ser o sucessor de James. A sua formação foi muito ampla e sofisticada, passando pela medicina e pela antropologia. A formação em psicologia experimental foi na Alemanha com G. E. Müller (1850-1934) na Universidade de Göttingen, e ao transferir-se para os EUA já havia lecionado psicologia em Londres e Oxford. Contudo, McDougall foi uma figura controversa, mesmo assim reconhecida pela variedade de contribuições que trouxe à Psicologia, principalmente em psicopatologia e em psicologia clínica. Ele bem que poderia ser o padroeiro daqueles pesquisadores considerados muito produtivos por agências de fomentos, mas relapsos por seus alunos. Hilgard (1987) descreveu McDougall como um professor negligente que comparecia a sala de aula com o seu livro debaixo do braço para, a seguir, fazer a leitura pública dos capítulos, tendo o cuidado de anotar aonde parou para dar continuidade na aula seguinte. Os alunos dormiam, faziam outra coisa qualquer, ou simplesmente não compareciam as aulas, o que pouco parecia importar para ele. No entanto, *An outline of psychology* de 1923 seria certamente muito apreciado pelos atuais estudantes brasileiros, pelas críticas ao mecanicismo e ao elementarismo da psicologia, claramente uma forte rejeição à psicologia da experiência imediata de Wundt e de Titchener.

No prefácio, McDougall (1923) apontou para dois sérios problemas relacionados à preparação de textos introdutórios em psicologia. O primeiro refere-se à grandiosidade do empreendimento. Argumentou que a Psicologia “tem agora tantos ramos, tantos métodos,

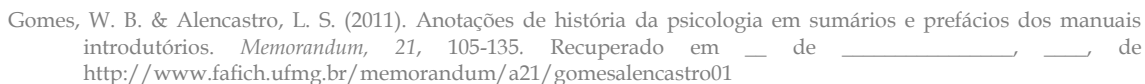


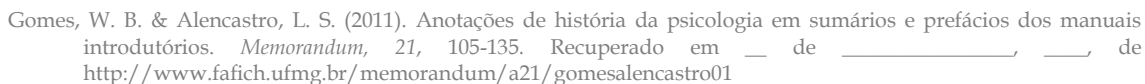
tantos campos de aplicação, e ainda uma imensa massa de dados de observação registrada que um homem sozinho não pode esperar ter a necessária familiaridade com o todo” (p. vii). Mesmo assim, reconheceu, “permanece a necessidade de um livro que introduza o estudante para essa ciência no início de seus estudos, com uma linha de abordagem proveitosa, uma maneira frutuosa de pensar os problemas psicológicos, e uma terminologia o menos equivocada possível” (p. vii). O segundo refere-se à maneira tendenciosa como a psicologia estava sendo introduzida aos estudantes. Na crítica de McDougall (1923), os estudantes estavam sendo ensinados a pensar a psicologia com os mesmos métodos de observação e raciocínio aplicados ao mundo físico, “considerando todos os eventos como ligados através de um encadeamento mecânico de causa e efeito” (p. vii). Para agravar ainda mais o problema, os alunos eram persuadidos a acreditar que este era o único e verdadeiro método aplicável à dita ciência. McDougall defendeu, então, que era chegado o momento de oferecer alternativas e de respeitar as opções escolhidas.

A psicologia é então apresentada por McDougall (1923) como se constituindo em duas grandes vias. Uma via era a ciência mecânica na qual os processos psicológicos eram interpretados em seqüências de causa e efeito. A outra era a ciência da mente, na qual a força propositiva era a categoria fundamental. Objetivo do *Outlines* seria introduzir o estudante à psicologia através da segunda via. Para McDougall, o mosaico mecânico e a configuração propositiva sempre estiveram, de certa forma, imbricados no pensamento psicológico. Por exemplo, diz McDougall (1923), que *The principles of psychology* de James (1890/1952) mostra esta aliança dividida em quase todos os capítulos. Mesmo assim, o livro de James, continua sendo a leitura básica e introdutória para qualquer estudante sério de psicologia. Enquanto isso, este *An outline of psychology*, ajudará a clarificar os emaranhados deixados por James. O texto foi, na verdade, a exposição da proposta de sua psicologia hórmica, isto é, o comportamento se orienta por propósitos ou intenções que é a busca de seus objetivos.

Textos introdutórios por pioneiros da Psicologia no Brasil

Enquanto isso, no Brasil, alguns livros de introdução à psicologia, ou de psicologia geral já estavam sendo publicados. O mais antigo que tivemos acesso foi *Noções de psicologia* de Manoel José do Bomfim (1868-1932), publicado em 1916, sendo o autor apresentado como professor da Escola Normal, Diretor do Pedagogium, e Diretor do Laboratório de Psicologia Experimental. Também se encontrou o célebre *Tratado de psicologia* de Wacław Radecki (1887-1953), publicado no Rio de Janeiro em 1928. Para contextualizar o ensino da psicologia, nesta primeira metade do século XX, são acrescentados mais dois textos de autores pouco conhecidos como Djacy Menezes com *Psicologia* cuja primeira edição foi em 1933, e Augusto Cesar Veiga com *Ensaio de psicologia geral*, publicado em 1938. Nada se encontrou até agora sobre dados biográficos desses dois professores, sabe-se, contudo, pelas informações dos







não ignorar o pensamento filosófico e as constatações biológicas, pois “cada fenômeno psicológico se encontra também a raiz biológica, pois o fato psíquico não é mais que o fato fisiológico evoluído, diferenciado e transformado” (p. 6) e 3) atenção aos inconvenientes da terminologia. É bom notar que as preocupações de Veiga estão mais atuais que nunca com os avanços das neurociências, onde ocorre um diálogo produtivo e profícuo entre psicologia, neurofisiologia e filosofia.

Textos introdutórios à psicologia em língua portuguesa utilizados no Brasil entre 1950 e 1975

Os anos que vão de 1950 a 1975 foram efervescentes para a consolidação da psicologia no Brasil como ciência e profissão. Neste período ocorreram os primeiros congressos, articulava-se a formação das sociedades, o reconhecimento da profissão, a criação de cursos de graduação, a reforma da pós-graduação e a afirmação profissional com a criação do Conselho Federal de Psicologia (Hutz, Gauer & Gomes, 2011). Do interesse deste estudo, como se tem dito, é a descrição da ciência psicológica conforme prefácios e sumários de textos introdutórios. Nesta sessão, examina-se obras traduzidas ou escritas em português pelos nossos pioneiros. Foram escolhidos dez destes livros que parecem repercutir influências das mais diversas procedências. Assim temos obras oriundas do Brasil (Campos, 1968; Dória, 1962; Klineberg, 1953; Mira y Lopez, 1965), da França (Foulquié & Deledalle 1951/1969; Guillaume 1950/1956) da Itália (Gemelli & Zunini, 1957/1961), dos EUA (Krech & Crutchfield, 1958/1963), e certamente para divulgação internacional do behaviorismo (Keller & Schoenfeld, 1950/1966). A seguir, um breve comentário para cada um destes manuais, deixando que os próprios autores nos apresentem suas obras. A exposição obedece a ordem de publicação em português. Como só serão apresentadas obras publicadas em português, deixam-se de lado publicações em espanhol, muito utilizadas no Brasil, como o *Manual de psicología* de David Katz de 1954, texto originalmente preparado para ensino de psicologia na Suécia; o *Psicología Geral* de William Stern de 1957, trazendo a sua visão personalística; e o *Tratado de psicología* de Jorge Dwelshauvers e Joaquín Carreras y Artau de 1930, trazendo a visão espanhola da nova ciência. Essa diversidade de obras básicas de diferentes procedências mostra quão sofisticada e cosmopolita foi a formação de nossos pioneiros.

O texto introdutório organizado por Otto Klineberg (1899-1992) com o título *A psicologia moderna* contou com a colaboração de nomes conhecidos e cultuados na história da psicologia no Brasil. O livro é composto por três partes. A primeira tratou das escolas e sistemas (Anita Cabral, 1911-1991), com um capítulo dedicado à psicanálise (Frank Philips). O segundo tratou dos campos da psicologia, incluindo: psicologia fisiológica (Anibal Silveira, 1902-1979), psicologia animal (Paulo Sawaya, 1903-1995), psicologia social (Otto Klineberg), psicologia patológica (Cícero Christiano de Sousa), psicologia médica (Durval Marcondes,

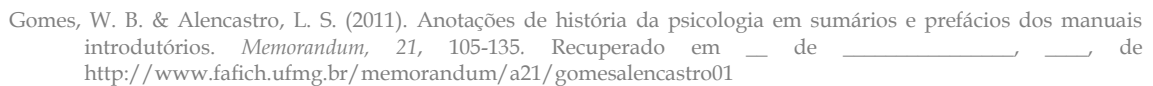


1899-1981), psicologia diferencial (Aniela Ginsberg, 1902-1986), psicologia do trabalho (Maria de Lourdes Viegas, Oswaldo de Barros Santos [1918-1998], J. B. Salles Silva, J. Machado de Mello Junior), higiene mental (Virgínea Leone Bicudo), psicologia jurídica (A. Almeida Júnior). O terceiro trouxe os considerados “assuntos especiais”: técnicas projetivas (Cícero Christiano de Sousa), psicologia étnica (Herbert Baldus), a personalidade e a cultura (Mário Wagner Vieira da Cunha e Raquel Vieira da Cunha). Trata-se de uma das grandes obras da psicologia brasileira, antecipando a abertura conceitual, o destaque que será dado a psicanálise, e o interesse pela relação entre cultura e subjetividade. Chama atenção o número de autores para o capítulo sobre psicologia do trabalho, outra antecipação de termos pois na época utilizava-se o termo psicologia industrial, e a atenção à psicologia jurídica, campo em ascensão na atualidade. Não seria exagero dizer que o livro também antecipa as disciplinas que viriam compor os currículos dos primeiros cursos de psicologia no Brasil. Deixei-se que Klineberg (1953) nos introduza ao livro:

É com orgulho e prazer que trago algumas palavras de introdução a este livro de Psicologia escrito em colaboração. Quando, de 1945 a 1947, tive a honra de ocupar a cátedra de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, foi-me dado conviver intimamente com um grupo de colegas que se dedicavam a diferentes especialidades dentro de nossa ciência. Na Faculdade, nas reuniões da Sociedade de Psicologia de São Paulo, em nossos seminários para alunos adiantados, discutimos juntos o conteúdo e os métodos da Psicologia, os resultados de investigações recentes e os domínios desta ciência ainda incompletamente explorados. Apreciamos todos o trabalho em comum, e todos aprendemos alguma coisa uns com os outros.

Como professores, sentimos a necessidade de um texto em português que desse aos estudantes uma introdução geral à ciência psicológica. Pensamos que tal obra poderia também servir de estímulo ao desenvolvimento da Psicologia no Brasil. Decidimos escrevê-lo juntos, dividindo a tarefa de tal maneira que cada um de nós pudesse discorrer sobre sua própria especialidade. Por diversas razões, não se completou o livro tão depressa como tínhamos esperado e, assim, alguns dos resultados mais recentes da pesquisa psicológica nele não foram incluídos. Não creio, entretanto, que tenha sido esquecido nenhum aspecto mais importante da Psicologia (p. 7).

O *Psicologia científica geral*, de Madre Cristina, uma cônica de Santo Agostinho cujo nome civil é Célia Sodré Dória (1916-1997), distingue-se por dar aos capítulos a mesma estrutura formal. As variações apenas acomodam a saliência de uma dada tradição em tratar de determinado assunto. Cada capítulo está dividido em duas partes: concepção das diferentes escolas, e concepção proposta. Por exemplo, no capítulo I, “natureza da consciência” inclui-se na concepção das diferentes escolas: 1) concepção behaviorista, 2) concepção associacionista, 3) concepção de James, 4) concepção bergsoniana, 5) concepção existencialista. No último capítulo, o XVIII, o tópico é “vontade” e a concepção das diferentes escolas aborda: 1) concepção tomista, 2) concepção de Würzburg, 3) concepção funcional, 4) concepção de campo, 5) concepção existencialista. O que mais chama atenção na organização dos capítulos





O texto é descrito por Lourenço Filho (1965) nas seguintes palavras:

O Autor começa por esclarecer questões por assim dizer propedêuticas – os campos dos estudos psicológicos, os métodos, as características gerais das atividades psíquicas, suas bases orgânicas, seus aspectos funcionais mais amplos ou de mais fácil reconhecimento. Gradativamente, passa depois a examinar o papel dos motivos, as funções da aprendizagem e de organização do pensamento, o papel das influências sociais. E, afinal, propõe as mais altas questões da estrutura dicotômica das realidades psicológicas – o ‘eu’ e o ‘não eu’ – com exame dos problemas da personalidade, seus tipos, sua genética, sua dinâmica (p. 5).

Como informa Lourenço Filho, foi uma obra de publicação póstuma que “ficará entre os mais belos trabalhos com que o grande Mestre enriqueceu a psicologia” (p. 8). Por sua vez, o próprio Mira y Lopez (1965) reconhece em breve nota a participação do colega, dizendo que: “A publicação deste Manual de Psicologia Geral, em língua portuguesa, teria sido impossível sem a valiosa ajuda do Professor Lourenço Filho, que não só a prestigia com seu prefácio, como a valorizou, revendo o texto original” (p. 9).

Não deixa de ser um impressionante diálogo entre dois dos nossos grandes pioneiros.

Passando a contribuição dos franceses, inicia-se com o *Manual de psicologia* de Paul Guillaume (1872-1962) cuja primeira edição apareceu em 1956, traduzida do original francês de 1950. Contudo, em 1967 já estava na terceira edição correspondendo a edição original de 1960. Já o intervalo entre original e tradução para texto *A psicologia contemporânea* de Paul Foulquié (1893-1983) e Gérard Dalle (1922-2003) foi de 18 anos (1951/1969). Em comum aos textos dos dois Pauls é a preocupação em diferenciar filosofia de psicologia. Guillaume havia introduzido a Psicologia da Gestalt em Paris e Foulquié era um existencialista. Para Guillaume (1960/1967), cujo o Manual reúne os temas clássicos da psicologia básica:

A psicologia como qualquer esforço científico, conduz, sem dúvida, a problemas filosóficos ... não será contudo essa filosofia da Psicologia que se encontrará neste Manual, mas sim a própria Psicologia que importa conhecer primeiro, antes de qualquer ensaio síntese ou crítica. Insistimos, por isto, mais nos fatos e nos métodos do que nas doutrinas (p. xliii).

Mais adiante no mesmo prefácio Guillaume (1960/1967) oferece-nos uma apreciação das relações entre psicologia e filosofia que bem mereceria ser epígrafe de um livro de história do pensamento psicológico. Diz ele:

Vincular as atuais questões de Psicologia às doutrinas dos grandes filósofos do passado, como se as mesmas palavras se aplicassem aos mesmos problemas, confrontar os pensamento dos experimentadores contemporâneos com o de Descartes ou Kant, de Condillac ou de Maine de Biran, como se tivessem a mesma idade, será, ou falsear a história, por atribuir a essas doutrinas uma orientação positiva que geralmente não possuem, ou – e mais freqüentemente – desconhecer o espírito das pesquisas



atuais, por associar-lhes preocupações metafísicas que lhes são estranhas (p. xliv).

Em contraste Foulquié e Deledalle (1951/1969) estavam preocupados em compreender a história da Psicologia na França e também em introduzir a psicologia através de sua história. Traz um olhar diferente daquele apresentado pelos americanos. Um livro escrito nos meados de século XX serve, assim, de testemunho de um ponto da história que ainda estava para ser escrita, pois nada havia ainda neste sentido na França. Os autores reconhecem o esforço americano em registrar a história da psicologia, assim como a supremacia das atividades na pesquisa nos EUA, com 35% da produção mundial, depois vindo a Alemanha com 33%, a França com 16%, a Inglaterra com 3%, e os demais países distribuindo-se nos 13% restantes. “Os americanos,” diz o autor, “não possuindo tradição filosófica, propensos, além disso, ao concreto e ao útil, encontraram na Psicologia, sobretudo na Psicologia Aplicada ou Psicotécnica, um domínio de estudo adaptado a seus gostos e aspirações, a que se entregaram com todo o ardor da juventude e o orgulho de nele terem conquistado o primeiro lugar” (p.xiii). Os autores também reconhecem o grande esforço para a separação entre psicologia e filosofia, que caracterizou a literatura básica entre 1850 a 1950 aproximadamente, mas diz que na França a tal separação foi menos sensível, pelos efeitos do ensino de filosofia no último ano dos estudos secundários. Naquela época, uma formação em medicina era indispensável para quem aspirasse estudar psicologia científica e cita exemplo de grandes psicólogos que eram médicos de formação, como foi o caso de Janet, Dumas, Piéron, e Lagache. Pela característica geral, o livro poderia ser mais bem interpretado como história do que de introdução à psicologia. Inicia com o espiritualismo de Maine de Biran e percorre as origens da psicologia em França com Th Ribot, Alfred Binet e em seguida passa a falar do desenvolvimento da psicologia nos EUA, passando muito rapidamente pelos clássicos inícios na Alemanha, para se dedicar no final à corrente psicobiológica francesa e à psicologia da conduta de Janet e Daniel Lagache (1903-1972). Por fim, eles ressaltam que apesar do grande mérito das laboriosas pesquisas empíricas, os grandes problemas metafísicos continuam importantes e devem continuar sendo levados em consideração.

A contribuição que segue, *Introdução à psicologia*, vem da Itália, com os padres Agostinho Gemelli (1878-1959) e Giorgio Zunini (1903-1977), com prefácio para a edição brasileira do Pe. Antonius Benkö (1920-). Gemelli obteve o doutorado na Alemanha, na Universidade Würzburg, sob a orientação de Külpe. Duas posições defendidas pelos autores quanto à característica geral do campo psicológico e especificação de um texto introdutório merecem ser reproduzidas na íntegra. Disseram Gemelli e Zunini (1957/1961):

Prevalece a moda, hoje, de construir a psicologia segundo uma idéia diretriz, resolvendo-se todos os problemas em função de tal idéia; adotam os chefes de algumas escolas, exclusivamente, um método particular de pesquisa, utilizando em suas concepções unicamente os fatos estudados segundo esse método; de modo que, atualmente, muitos são os livros de psicologia que se



apresentam como exposição do sistema, ou da doutrina, de determinada escola. Por isso é freqüente considerar destituídos de valor os livros de psicologia não escritos consoante um desses pontos de vista.

Opino que nenhum dos sistemas atualmente aceitos pode dar conta de todos os aspectos e de todas as manifestações da vida psíquica; entanto, creio ter cada uma dessas escolas trazido sua particular e, provavelmente, preciosa contribuição ao desenvolvimento da psicologia moderna (p. 5).

Muito interessante a observação de que os sistemas teóricos devem ser analisados pelas suas contribuições e, por conseguinte, sendo considerados como descrições e interpretações de partes e não constituintes absolutos desta ciência. Assim, critica as principais escolas, reconhece os méritos da psicanálise em procurar um conhecimento integrado, mas alerta que a psicologia nem pode se render a fisiologia e nem tão pouco a filosofia, nem ao operacionalismo dos norte-americanos, nem a fenomenologia dos alemães. No prefácio, Benkö reconhece que os autores “harmonizam o binômio, aparentemente irreduzível da psicologia: ou é ciência e, então, é mecanicista, ou é espiritualista e, então não é científica – optam pela posição média: “é ciência mas uma ciência sui generis” (p. 14). Benko conclui seu prefácio dizendo que: “No Brasil a psicologia está apenas saindo do berço. Entretanto cada ano cresce o número daqueles que desejam uma introdução autorizada... o público brasileiro já está maduro para aceitar um alimento mais substancial, mais profundo” (p. 16).

Com efeito, é outra visão, com informações ricas sobre o desenvolvimento das diferentes escolas na Europa, não contemplados pelos manuais de história da psicologia norte-americanos.

Passe-se, por fim, os textos introdutórios norte-americanos que exercerão forte influência na formação dos psicólogos deste período. Destes textos, foram escolhidos Krech & Crutchfield (1958/1963) por ter sido muito utilizados nos cursos de graduação nos EUA e no Brasil nos anos 1960, e Keller e Schoenfeld (1950/1966) pelo papel que exerceu na divulgação do behaviorismo.

O manual de David Krech (1909-1977) & Richard S. Crutchfield (1912-1977) chama atenção pela organização didática e pela integração que faz do conhecimento psicológico recorrendo ao uso de guias de estudo, uma clara influência da concepção de ensino e aprendizagem da escola da Gestalt. Os dois autores trabalharam em pesquisa com o gestaltista Wolfgang Köhler (1887-1967) e o resultado final foi uma obra voltada para a organização dos vários fatos, observações, teorias e especulações da psicologia com ênfase na harmonia inerente existentes aos diversos níveis constituintes. Para os autores a ciência da psicologia era um todo orgânico, com vários pontos de contato entre os diferentes processos. Ressalte-se a exímia tradução do psicólogo social Dante Moreira Leite (1927-1976) e Miriam L. Moreira Leite. Os irmãos Moreira Leite contribuíram grandemente para o estudo da psicologia no Brasil, como tradutores de manuais didáticos. Dante, foi um destacado psicólogo social com tese de doutorado obtida na Universidade de São Paulo, sob orientação da gestaltista Anita Cabral, onde foi professor e diretor do Instituto de Psicologia.



Já os *Princípios de psicologia* de Fred S. Keller (1899-1996) e William N. Schoenfeld, (1915-1996) traz um novo entendimento de psicologia. Traduzido para o português, 16 anos depois da publicação em inglês (1950/1966), por Carolina Bori (1924-2004) e Enzo Azzi (1921-1985) o texto deixa claro suas intenções logo no prefácio:

Este livro é um novo tipo de introdução à psicologia. É diferente, pois representa pela primeira vez um ponto de vista que começa a guiar o pensamento e a investigação de um grupo ativo de psicólogos neste país. Os membros deste grupo são primordialmente experimentalistas, que trabalham em laboratório e gastam a maior parte do seu tempo com a observação e a medida do comportamento de organismos – ratos, cães, cobaias, macacos, pombos e, naturalmente, seres humanos. Estamos buscando persistentemente os princípios fundamentais do comportamento – princípios que são verdadeiros para o rato branco bem como para o estudante universitário, para o cão no equipamento de laboratório bem como para o selvagem da tribo bem como para o produto sofisticado de nossa cultura (Keller & Schoenfeld, 1950/1966, p. 11).

Realmente o livro representa uma virada, pois os temas cognitivos clássicos como consciência, ponto de partida para a experimentação em psicologia, simplesmente desaparecem. Bori e Azzi trabalharam ativamente para difusão do behaviorismo no Brasil.

A tradição dos textos introdutórios à psicologia nas universidades norte-americanas

Manuais introdutórios acompanham a história das mais diversas áreas do conhecimento. Na história da psicologia científica, os manuais fizeram parte da agenda de trabalho dos principais fundadores. Havia grande interesse em divulgar as novidades da ciência, como também as diferentes abordagens que já se multiplicavam. Na Alemanha, como já mencionado, os manuais estiveram associados aos grandes nomes. Nos EUA, do mesmo modo. O *Principles* de James (1890/1952) concorria com o *Outlines of physiological psychology* de G. T. Ladd (1890) e o *Psychology* de Dewey (1890). No entanto, nos EUA os manuais passaram por extraordinário desenvolvimento. Tal fato justifica-se facilmente, pois muitos professores de psicologia obtiveram doutorado na Alemanha sob a orientação de Wundt; no regresso à pátria, esses pesquisadores dedicaram-se a instalação de laboratórios nas universidades inaugurando o ensino da nova psicologia; o empreendimento foi incentivado pelo desenvolvimento socioeconômico norte-americano, e pela transferência de pesquisadores da Europa para os EUA. Em contraste, a Europa envolveu-se em guerra deteriorando suas condições socioeconômicas e perdendo a liderança científica (Gomes, 2003).

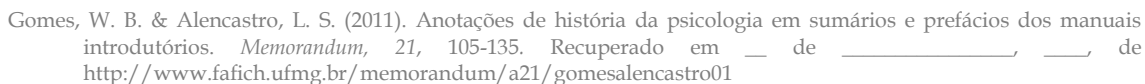
Chama atenção na história dos textos introdutórios norte-americanos, a extraordinária longevidade de alguns destes livros. O padrão que se tornou bem sucedido pode ser assim resumido: um manual iniciava com um autor que depois se juntava a outro para novas



edições, que por sua vez dava continuidade ao projeto, com a aposentadoria ou morte do autor inicial. Essa tradição começou com Ladd que publicou seu primeiro manual em 1887, retornando para segunda edição em 1921 com a colaboração de R. S. Woodworth. Woodworth (1921) continuará publicando vários manuais introdutórios juntando-se em 1947 com D. G. Marquis. Em 1937 Floyd L. Ruch da University of Southern California publica *Psychology and life*, primeiro livro realmente dirigido ao estudante. O manual atravessará décadas em novas edições até juntar-se a P. G. Zimbardo em 1971, para a oitava edição. Na nona edição troca-se a ordem dos autores, e a partir da décima edição Zimbardo (1979) assume sozinho a responsabilidade pela continuidade do manual. O exemplo mais elegante certamente é o de E. R. Hilgard que dará continuidade a seu texto introdutório, iniciado em 1953, por toda a segunda metade do século XX, sendo que após a sua morte, seu nome foi integrado ao título do livro pelos seus continuadores. De acordo com os continuadores (Atkinson, Atkinson, Smith & Bem, 1993) quarenta anos depois, o manual de Hilgard consagrou-se como um dos mais utilizados na história das publicações universitárias, sendo traduzida para diversos idiomas, incluindo russo, espanhol, francês, chinês alemão e português (Atkinson, Atkinson, Smith & Bem, 1995). No prefácio os autores indicam, como grandes objetivos do manual: 1) inspirar uma apreciação geral para uma abordagem empírica ao comportamento humano e um entusiasmo ao campo da psicologia; 2) formar consumidores críticos de informações psicológicas; 3) enfatizar o papel da psicologia na promoção do bem-estar humano e na solução de problemas sociais; e 4) incentivar a apropriação do conhecimento psicológico para quem o estuda, de modo a se tornar menos especialista e mais solidário com aqueles que efetivamente necessitam do apoio desta ciência. A história continua pois, na 15ª edição (Nolen-Hoeksema, Frederickson, Loftus & Wagenaar, 2009) os primeiros parceiros de Hilgard, os Atkinson, também foram integrados ao título do manual com a denominação de *Atkinson & Hilgard's introduction to psychology*. Rita e Richard Atkinson foram professores de psicologia na Califórnia, dedicados a qualificação pedagógica da universidade, principalmente ao ensino de graduação. Richard também se destacou por extraordinária carreira administrativa, sendo presidente do *National Science Foundation* nos Estados Unidos (1975-1980), Chanceler da Universidade da Califórnia – San Diego (1980-1995), e presidente de todo o sistema da Universidade da Califórnia (1995-2003). O trabalho dos Atkinson mostra que a conciliação entre publicações científicas e didáticas são não somente desejáveis, mas também possíveis.

Modernização e efetividade dos textos introdutórios na atualidade.

Os livros do último quartil do século XX, por exemplo, Atkinson, Atkinson, Smith e Bem (1999) caracterizam-se pelo cuidado pedagógico e gráfico. O esforço de integração dos conteúdos psicológicos permanece, mas a ênfase é mostrar a importância do estudo da



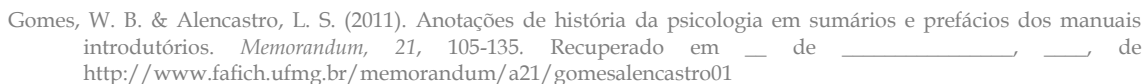


2. Processos biológicos e desenvolvimento		psychologie (Le normal, Le biologique, le pathologique, le social)
3. Consciência e percepção		3. La perception de monde
4. Aprendizagem, recordação e pensamento		4. La mémoire et l'intelligence
5. Motivação e emoção		5. Motivation et personnalité
6. Personalidade e individualidade		
7. Estresse, psicopatologia e psicoterapia		
8. Comportamento social		
Anexos: Breve história a psicologia		
Métodos e medições estatísticas		

A leitura dos tópicos da obra norte-americana de 1890 e da francesa de 1923 mostra uma preocupação com as relações entre processos biológicos e psicológicos. James (1890/1952), além dos tradicionais processos psicológicos incluiu o estudo das emoções, da vontade, e a reconhecida contribuição sobre o fluxo do pensamento. O texto não só introduzia uma nova ciência como também a inovava. Mesmo assim, foi utilizado nas universidades como livro introdutório por décadas. O texto organizado por Dumas (1923), que não era introdutório mas um substancial relato de pesquisa, restringiu-se aos processos básicos, também incluindo considerações neurobiológicas. Avançando no tempo, temos no *Hilgard's introduction to psychology* (Atkinson e outros, 1999) um sumário ao mesmo tempo amplo e sintético, conjugando os constituintes psicológicos básicos, com áreas aplicadas como psicoterapia e psicologia social. Lieury (2000) em seu despretensioso texto não olvidou a história, partindo das especialidades para os processos básicos, também incluindo os aspectos biológicos. Contudo, Griggs e Marek (2001) vão dizer que a similaridade dos textos introdutórios atuais é mais ilusória do que real. Conforme os autores, a concepção global e nomeação de tópicos sugerem convergências, mas a análise dos conteúdos aponta para muitas diferenças, principalmente em uma área onde a construção do argumento varia de abordagens e das preferências dos autores.

Considerações finais

Os textos introdutórios são importantes testemunhas das principais mudanças e dos acirrados debates que vêm caracterizando a história da psicologia. A supremacia de determinados tópicos já aponta para uma delimitação estrutural do campo de estudo da psicologia, principalmente quanto à natureza psíquica humana caracterizada pelas manifestações afetivas, cognitivas e conativas (Hilgard, 1980). As mesmas manifestações que são exploradas pelos estudos comparativos com animais não humanos. São essas manifestações que possibilitam a agregação de seres humanos em comunidade, constituindo a vida coletiva, cujo compartilhamento constitui as redes sociais e a formação de uma tradição que cria símbolos e práticas interpretadas como cultura. A concepção geral dos textos mudou ao longo do tempo, as informações de pesquisa empírica e a renovação das



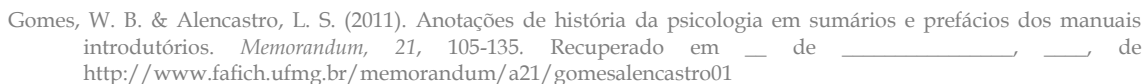
O presente ensaio que se caracteriza como breve apreciação histórica de sumários e de prefácios de textos introdutórios à psicologia trouxe um percurso para além do fascínio por abordagens que tanto nos mobilizou e nos empolgou no decorrer do século XX. O acompanhamento dos prefácios mostra que no início a grande preocupação era a diferenciação entre psicologia e filosofia, ou seja, entre pesquisa empírica experimental e especulações metafísicas. O importante era o conhecimento do fenômeno psicológico e não da especulação sobre sua natureza última. Os métodos científicos das ciências naturais serviam de modelo e o positivismo interpretado como a grande tendência renovadora do conhecimento. Contudo, James (1890/1952) alertava que o conhecimento científico é sempre provisório e se modifica com o tempo. A primeira apresentação abrangente e consistente do campo psicológico e de suas aplicações coube ao manual de Ebbinghaus (1908/1973, incluindo evolução, fisiologia dos sentidos, processos mentais, psicopatologia, e relações entre lesões cerebrais e processos mentais. Com essa temática bem que poderia ter sido escrito no último quartil do século XX, pois tais desenvolvimentos foram obscurecidos senão desprezados pelo encanto das teorias e sistemas. No lista de manuais consultados, McDougall (1923) foi o primeiro a romper com a predominância positivista e propor uma psicologia intencional, mas afastou-se do esforço integrativo. De qualquer modo, seu manual não fez sucesso como teoria e sistema. Os manuais brasileiros consultados surpreenderam pela precisão do texto e atualidade, inclusive no caso de autores pouco conhecidos. A psicanálise aparecerá com distinção nos manuais publicados por autores brasileiros nos decênios 1950s e 1960s. Por exemplo, estava presente no manual organizado por Klineberg (1953), Madre Cristina (Dória, 1962), e também nos manuais traduzidos. O texto de Mira y Lopes (1965) hoje pertenceria ao grupo que defende uma psicologia apoiada em evidências. A grande questão dos manuais desse período foi enfatizar que as abordagens contribuíam, mas que a psicologia não poderia ser reduzida a um ponto de vista. Nos textos do final do século, o debate voltou-se ao reconhecimento da diversidade, as contribuições da psicologia, e a importância deste conhecimento para a ciência e para a vida em geral.

No início do artigo foram propostas algumas perguntas gerais sobre os textos introdutórios. Assim, com base na breve resenha apresentada sobre o percurso de alguns poucos destes manuais podemos sugerir alguns encaminhamentos. A primeira pergunta preocupava-se com a abrangência, precisão, atualidade e utilidade dos conteúdos dos manuais de introdução. A apreciação histórica conduzida no presente estudo mostrou que os estudiosos já entendiam, no início do século XX, que a tarefa na preparação de um manual

exigiria conhecimentos enciclopédicos (Ribot, 1923). Com efeito, Klineberg (1953) organizou seu manual contando com a colaboração dos melhores especialistas que já atuavam na psicologia brasileira no final dos anos 1940. Em contraste, Lieury (2000) conseguiu escrever um livro introdutório conciso, simpático e atrativo, e integrativo.

McConnell (1980) mostrou-se preocupado no prefácio do seu manual com o aproveitamento do estudante norte-americano de um curso de introdução à psicologia, tendo como texto um livro de 700 a 800 páginas, pesando em torno de dois quilos e meio. O autor estava interessado em saber se o aproveitamento seria restrito a alguns fatos pontuais sobre os diversos tópicos ou a compreensão geral da disciplina. No entendimento do autor, muitos dos textos introdutórios são verdadeiras enciclopédias, contendo grande quantidade de fatos, mas poucas pistas sobre a integração de tais fatos em sínteses funcionais e significativas. A suspeita de McConnell é que o estudante lembrará muito pouco ou quase nada dos muitos fatos depois dos exames. Concluiu, então, que textos longos perdem o essencial do que deva ser um desses cursos, sugerindo o uso de textos breves sintéticos e integrativos. Sendo fiel a leitura hermenêutica desses manuais, cabe dizer que essas interessantes observações era uma preparação para as vantagens do texto do próprio autor em relação aos demais. Ele prometia que a terceira edição do seu *Understanding human behavior* trazia no mínimo 90% mais de fatos do que os concorrentes, explicados de tal modo que os fatos ganhavam vida e realidade para serem lembrados e úteis para o leitor. Reconheça-se, contudo, que o texto do autor foi reconhecido como um dos mais importantes do decênio 1980 (Weyne & Weiten, 1992). Deste modo, quanto à abrangência o debate volta-se sobre a conveniência prática e pedagógica dos livros enciclopédicos, longos e pesados ou dos livros concisos, breves e leves. Em uma análise (Griggs, Jackson & Marek, 2002) sobre uso de textos introdutórios concluiu-se: 1) que esses materiais são muito extensos e longos para uma disciplina de um semestre, 2) que os professores estão preferindo não adotá-los e sugerir a leitura de materiais diversos e 3) que havia carência de textos concisos e de preços acessíveis mais compatíveis com o perfil dos alunos e a duração da disciplina. Com efeito, em 2006 o primeiro autor lançou o *Psychology: A Concise Introduction*, com 350 páginas, ou seja a metade das 787 de 15ª edição do tradicional *Atkinson & Hilgard's introduction to psychology* (Nolen-Hoeksema, Frederickson, Loftus & Wagenaar, 2009). Na mesma direção, Quereschi (1993) analisou 60 textos introdutórios publicados entre 1969 e 1975, encontrando uma correlação negativa entre número de páginas e leitura dos estudantes. Com relação a precisão e atualidade, os analistas informam que a renovação é lenta, considerando as muitas edições (Griggs & Jackson, 1996).

A segunda pergunta queria saber se ainda há espaço para livros de psicologia geral. A grande oferta e a história vibrante destes manuais nos Estados Unidos sugerem que sim. A mesma tendência também ocorre no Brasil, conforme indica as muitas edições ou reimpressões destes manuais, escritos por autores nacionais, como por exemplo, o *Psicologia:*





- Antunes, M. A. M. (2001) Bomfim. Em R. H. F. Campos (Org.). *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil* (pp. 92-93). Rio de Janeiro: Imago; Brasília: Conselho Federal de Psicologia.
- Atkinson, R., Atkinson, R. C., Smith, E. E. & Bem, D. J. (1993). *Introduction to psychology* (11th ed.). San Diego, CA: Harcourt Brace Jovanovich.
- Atkinson, R. L., Atkinson, R. C. Smith, E. & Bem, D. J. (1995). *Introdução à psicologia* (D. Batista, Trad.). Porto Alegre: ArtMed.
- Atkinson, R. L., Atkison, R. C., Smith, E. E., Bem, D. J., Nolen-Hoeksema & Smith, C. D. (1999). *Hilgard's introduction to psychology* (13th ed.). New York: Wadsworth.
- Bomfim, M. (1916). *Noções de psicologia*. Rio de Janeiro: Livraria Escolar.
- Bomfim, M. (1917). *Noções de psicologia* (2a ed). Rio de Janeiro: Livraria Escolar. (Original publicado em 1916).
- Boring, E. G., Langfeld, H. S. & Weld, H. P. (Eds.). (1935). *Psychology: a factual textbook*. New York: Wiley.
- Boring, E. G., Langfeld, H. S. & Weld, H. P. (Eds.). (1939). *Psychology: a factual textbook*. New York: Wiley.
- Boring, E. G., Langfeld, H. S. & Weld, H. P. (Eds.). (1948). *Psychology: a factual textbook*. (New York: Wiley).
- Brentano, F. (1964). *Psychologie du point de vue empirique* (M. Gandillac, Trad.). Paris: Aubier, Éditions Montaigne. (Original publicado em alemão, 1874).
- Bock, A. M. B., Furtado, O. & Teixeira, M. L. T. (1988). *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*. São Paulo: Saraiva.
- Bock, A. M. B., Furtado, O. & Teixeira, M. L. T. (2009). *Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia* (14a ed). São Paulo: Saraiva. (Original publicado em 1988).
- Campos, F. L. (1968). *Introdução à psicologia*. Campina Grande, PB: Universidade Regional do Nordeste.
- Dewey, J. (1890). *Psychology*. New York: Harper.
- Dickson, K. L., Miller, M. D., Devoley, M. S. (2005). Effect of textbook study guides on student performance in introductory psychology. *Teaching of Psychology*, 32(1), 34-39.
- Dória, M. C. S. (1962). *Psicologia científica geral*. São Paulo: Agir.
- Dumas, G. (Org.). (1923). *Traité de psychologie*. Paris: Librairie Félix Alcan.



- Dwelshauvers, J. & Carrera Y Artau, J. (1930). *Tratado de psicología*. Barcelona, España: Gustavo Gili.
- Ebbinghaus, H. (1973). *Psychology: an elementary text-book* (M. Meyer, Trad.). New York: Arno Press. (Original publicado em 1908).
- Ferreira França, E. (1973). *Investigações psicológicas*. São Paulo: Grijalbo. (Original publicado em 1854).
- Foulquié, P. & Deledalle, G. (1969). *A psicologia contemporânea* (H. C. Campos, Trad.) São Paulo: Nacional. (Original publicado em 1951).
- Gemelli, A. & Zunini, G. (1961) *Introdução à psicologia* (A. B. Guimarães, Trad.; A. Benko, Pref. da edição brasileira) Rio de Janeiro: Libro Ibero-Americano. (Original publicado em 1957).
- Gomes, W. B. (2003). Pesquisa e prática em psicologia no Brasil. Em O. H. Yamamoto & V. V. Gouveia. (Org.). *Construindo a psicologia brasileira: desafios da ciência e da prática psicológica* (pp. 23-59). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Griggs, R. A., Bujak-Johnson, A. & Proctor, D. L. (2004). Using common core vocabulary in text selection and teaching the introductory course. *Teaching of Psychology*, 31(4), 265-269.
- Griggs, R. A. & Jackson, S. L. (1996). Forty years of introductory psychology: an analysis of the first 10 editions of Hilgard et al.' textbook. *Teaching of Psychology*, 23(3), 144-150.
- Griggs, R. A., Jackson, S. L. & Marek, P. (2002). Using a core textbook for the introductory course. *Teaching of Psychology*, 29(4), 314-316.
- Griggs, R. A. & Marek, P. (2001). Similarity of introductory psychology textbooks: reality or illusion. *Teaching of Psychology*, 28(4), 254-256.
- Griggs, R. A., Proctor, D. L. & Cook, S. M. (2004). The most frequently cited books in introductory texts. *Teaching of Psychology*, 31(2), 113-116.
- Guillaume, P. (1967). *Manual de psicologia* (L. L. de Oliveira & J. B. Damasco Penna, Trad.). São Paulo: Nacional. (Original publicado em 1960).
- Hearnshaw, L. S. (1987). *The shaping of modern psychology*. Londres: Routledge.
- Hilgard, E. R. (1953). *Introduction to psychology*. New York: Harcour, Brace.
- Hilgard, E. R. (1980). The trilogy of mind: cognition, affection, and conation. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 16, 107-117.
- Hilgard, E. R. (1987). *Psychology in America: a historical survey*. San Diego, CA: Harcourt Brace Jovanovich Publishers.



- Hutz, C., Gauer, G. & Gomes, W. B. (2011). Brazil. Em D. B. Baker. (Org.). *The Oxford handbook of the history of psychology: global perspectives* (pp. 581-597). Oxford: Oxford University Press.
- James, W. (1952). *The principles of psychology*. Chicago: Enciclopaedia Britannica, Inc. (Original publicado em 1890).
- Katz, D. (1954). *Manual de psicología*. Madrid: Morata. (Original publicado em sueco, 1950).
- Keller, F. S. & Schoenfeld, W. N. (1966). *Princípios de psicologia* (C. M. Bori & R. Azzi, Trad.). São Paulo: Herder. (Original publicado em inglês, 1950).
- Klineberg, O. (Org.). (1953). *A psicologia moderna*. São Paulo: Agir.
- Krech, K. & Crutchfield, R. S. (1963). *Elementos de psicologia* (D. M. Leite & M. L. M. Leite, Trans.). São Paulo: Pioneira. (Original publicado em inglês, 1958).
- Külpe, O. (1973). *Outlines of psychology* (E. B. Titchener, Trad.). New York: Arno Press. (Original publicado em alemão, 1893).
- Ladd, G. T. (1887). *Elements of physiological psychology*. New York: Scribner's.
- Ladd, G. T. (1890). *Outlines of physiological psychology*. New York: Scribner's.
- Ladd, G. T. & Woodworth, R. S. (1911). *Elements of physiological psychology* (2nd ed). New York: Scribner's.
- Landrum, R. & Hormel, L. (2002). Textbook selection: balance between the pedagogy, the publisher, and the student. *Teaching of Psychology*, 29(3), 45-248.
- Lieury, A. (2000). *Introduction á la psychologie*. Paris: Dunod.
- Lotze, H. (1973). *Outlines of psychology* (C. L. Herrick, Trad.). New York: Arno Press. (Original publicado em alemão, 1881).
- Lourenço Filho, M. B. (1965). Mira y Lopez e os estudos da psicologia. Em E. Mira y Lopez *Psicologia geral* (pp. 5-8). São Paulo: Melhoramentos.
- McConnell, J. V. (1980). *Understanding human behavior* (3rd ed). New York: Hold, Rinehart & Winston.
- McDougall, W. (1923). *An outline of psychology*. London: Methuen & Co. Ltd.
- Marx, M. H. & Hillix, W. A. (1979). *Systems and theories in psychology*. New York: McGraw-Hill Book Company.
- Menezes, D. (1943). *Psicologia*. Porto Alegre: Globo. (Original publicado em 1933).
- Mira y Lopez, E. (1965). *Psicologia geral*. São Paulo: Melhoramentos.



- Nevid, J. S. & Carmony, T. M. (2002). Traditional versus modular format in presenting textual material in introductory psychology. *Teaching of Psychology*, 29(3), 237-238.
- Nevid, J. S. & Forlenza, N. (2005) Graphing psychology: an analysis of source material of graphs in introductory psychology textbooks. *Teaching of Psychology*, 32(4), 253-256.
- Nissim-Sabat, D., Farr, W. H., Horton, P. F., Owens M. C. & Shelton, T. (1989). Citations of distinguished scientists in introductory psychology textbooks. *Teaching of Psychology*, 16(2), 74-75.
- Nolen-Hoeksema, S., Frederickson, B. L., Loftus, G. R. & Wagenaar, W. A. (2009). *Atkinson & Hilgard's introduction to psychology* (15th ed.). New York: Wadsworth.
- Payssé, C. & Delfino, V. (1933). Prefácio. Em W. Radecki (1933). *Tratado de psicologia*. Buenos Aires: Jacobo Peuser.
- Penna, A. G. (1992). *História da psicologia no Rio de Janeiro*. Rio: Imago
- Quereshi, M. Y. (1993). The contents of introductory psychology textbooks: a follow up. *Teaching of Psychology*, 20(4), 218-222.
- Radecki, W. (1933). *Tratado de psicologia* (C. Payssé & V. Delfino, Trans.). Buenos Aires: Jacobo Peuser. (Original publicado em português, 1928).
- Rauch, F. A. (1840). *Psychology*. New York: Dodd, Mead.
- Ribot, T. A. (1923). Préface. Em G. Dumas (Org.). *Traité de psychologie* (pp. v-xiv). Paris: Librairie Félix Alcan.
- Ribot, T. A. (1879). *La psychologie allemande contemporaine*. Paris: Ancienne Librairie Germer Baillière, F. Alcan
- Ribot, T. (1870). *La psychologie anglaise contemporaine*. Paris: Ladrance.
- Ruch, F. L. (1937). *Psychology and life*. Glenview, IL: Scott, Foresman.
- Ruch, F. L. & Zimbardo, P. G. (1971). *Psychology and life* (8th ed.). Glenview, IL : Scott, Foresman.
- Shepperd, J., Grace, J. L. & Kock, E. J. (2008). Evaluating the electronic textbook: Is it time to dispense with the paper text? *Teaching of Psychology*, 35(1), 2-5.
- Stern, W. (1957). *Psicologia general: desde o ponto de vista personalístico* (J. R. Armengol, Trad.). Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1938).
- Veiga, A. C. (1938). *Ensaio de psicologia geral*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Wayland, F. (1854). *Elements of intellectual philosophy*. Boston: Phillips, Sampson.



- Wayne, W. & Weiten, R. D. (1992). Portraits of a discipline: an examination of introductory psychology textbooks in America. In A. E. Puente, J. Matthews & C. Brewer (Eds.) *Teaching psychology in America: a history* (pp. 453-504). Washington: APA.
- Webb, W. B. (1991). History from our textbooks: Boring, Langfeld, and Weld's introductory texts (1935-1948+). *Teaching of Psychology*, 18(1), 33-35.
- Wertheimer, M. (1972). *Pequena história da psicologia* (L. L. Oliveira, Trad.). São Paulo: Nacional/USP.
- Woodworth, R. S. (1921). *Psychology: a study of mental life*. New York: Hold.
- Woodworth, R. S. & Marquis D. G. (1947). *Psychology* (4th ed.). New York: Holt.
- Wundt, W. M. (1897). *Outlines of psychology* (C. H. Judd, Trad.). Toronto: York University. Recuperado em 12 de agosto, 2000, de psychclassics.yorku.ca/Wundt/Outlines/index.htm. (Original publicado em 1896).
- Wundt, W. M. (1908-1911). *Grundzüge der physiologische Psychologie* (principles physiological psychology) (Vols 1-3, 6th ed). Leipzig: Engelmann. (Original publicado em 1874).
- Wundt, W. M. (1973). *An introduction to psychology* (R. Pintner, Trad.). London: George Allen. (Original publicado em alemão, 1912).
- Zehr, D. (2000). Teaching psychology's history through a comparative analysis of introductory psychology texts. *Teaching of Psychology*, 27(1), 31-33.
- Zimbardo, P. G. (1979). *Psychology and life* (10th ed.). Glenview, IL : Scott, Foresman.

Nota sobre os autores

William B. Gomes é professor associado do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde coordena o Núcleo de Epistemologia e História da Psicologia e o MuseuPsi. É bolsista de produtividade 1A do CNPq. Endereço para correspondência: Instituto de Psicologia (UFRGS); Rua Ramiro Barcelos 2600, sala 123; 90035-003 Porto Alegre RS. Contato: gomesw@ufrgs.br

Lucaiano da Silva Alencastro é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e bolsista do CNPq. Endereço para correspondência: Instituto de Psicologia (UFRGS); Rua Ramiro Barcelos 2600, sala 123; 90035-003 Porto Alegre RS. Contato: lu.alen@ibest.com.br

Data de recebimento: 26/09/2011



Data de aceite: 01/09/2011